

COMANDAR NO MAR

Introdução

Tenho como certeza que quem decida enveredar pela carreira de oficial de marinha, qualquer que seja o ramo, tem como sonho, ou mesmo desejo, de um dia vir a comandar um navio. Será para todos a realização natural e que muito interpreta o ser humano - enfrentar a natureza e os seus desafios assim como influenciar outros para o seu projecto.

Pessoalmente, esse sonho teve realização plena. Em 2º tenente comandeí uma lancha de fiscalização (NRP 'Albufeira') e um pequeno navio hidrográfico (LH 'Cruzeiro do Sul'). Em 1º tenente comandeí um patrulha (NRP 'Zaire') e um draga-minas (NRP 'Horta'). Em Capitão-tenente uma corveta (NRP 'Baptista de Andrade') e em Capitão-de-fragata uma fragata (NRP 'Vasco da Gama'). Foi uma aprendizagem contínua, em que a complexidade, a dimensão do navio e da guarnição foi crescendo o que permitiu nunca ser confrontado com bruscas realidades. E foi aprendizagem contínua, pois nunca ninguém me ia transmitindo o que iria encontrar. Mas trazia os "alicerces". Os anos de Escola Naval seguidos do embarque numa fragata, em longa comissão em África, com funções de Navegador, e portanto em contacto directo e privilegiado com o Comandante do navio, permitiram a absorção de toda uma cultura marinha e do espírito de bordo. Iguamente considero fundamental a educação de que fui alvo por meu Pai, que desde sempre me colocou em situações em que teria de ser eu a pensar, decidir e executar. O certo é que não se nasce Comandante. Certamente que as características próprias de cada um modelam a figura mas a educação, a cultura e a experiência constroem o Comandante.

E da minha vivência torna-se evidente tirar alguns considerandos fundamentais e permanentes para a figura do Comandante do navio no Mar e que se apontam sem pretensão de ser exaustivo.

E o primeiro, sem qualquer dúvida, é de que no navio só o Comandante manda. É uma função completamente solitária em que a competência, sem tolerância, é total e não delegável. Poderá, e certamente tem sempre, a opinião ou o conselho dos elementos da sua equipa (tripulação ou guarnição) mas a decisão é sua e com ela assume todas as consequências, para o bem e para o mal. E daqui decorre que a figura do Comandante se confunde com a do navio. O nome do Comandante e o nome do navio tornam-se numa só entidade em que as acções de ambos se reflectem reciprocamente.

Ao ser nomeado, o Comandante leva a responsabilidade mas também o poder de influenciar os seus homens, transportando uma tradição histórica, a dignidade, e um estatuto de privilégio mas, em contrapartida, é-lhe exigido conhecimento e capacidade que não admite falhanço. Não pode ter receio de assumir os riscos nas suas decisões pois aqueles estão sempre presentes, em maior ou menor grau. Não os assumir é meio caminho andado para a inacção. Não corre risco por gosto mas com consciência e assumindo todas as consequências que serão sempre reflectidas na sua pessoa.

O Comandante é o exemplo para a sua guarnição. Todos a bordo estão sempre atentos a uma palavra descuidada, a uma falha na manobra ou ainda numa eventual demonstração de ansiedade ou de menor confiança. O sintoma de medo ou da confiança transmite-se a todo o navio. O seu desempenho deve-se pautar pelo bom senso, paciência, firmeza, e imparcialidade no elogio e no reprovado. Nenhum acto meritório deve escapar à sua atenção e a uma palavra de elogio assim como para toda a falta deverá ser feita a distinção se ela é fruto de malícia ou de incompetência.

No navio o Comandante tem uma situação especial. Tem um alojamento bastante diferente dos restantes e não o compartilha com ninguém. Não está sujeito a horários de bordo mas está sempre disponível e presente quando necessário. No entanto, é bem claro para toda a guarnição que o ambiente no Mar é o mesmo para todos sem exclusão do Comandante. Quando o navio balança, o balanço é igual, e tão incómodo, quer para o grumete quer para o Comandante. Se qualquer desastre acontecer as suas consequências atingirão todos por igual. Todos a bordo confiam que o Comandante traga o navio e sua guarnição de volta a terra nas melhores condições. E tudo isto gera o clima de confiança a que o Comandante tem de estar atento.

É bem patente que é diferente a forma de exercício de autoridade do Comandante e dos seus Oficiais a bordo. Enquanto estes ordenam na acção concreta, o Comandante supervisiona e dirige, estabelecendo objectivos e ordens gerais. Em tal contexto, sendo normal que quem comanda tenha tido anteriormente uma especialidade técnica, não será curial que, quando assume a função de Comandante, seja tentado, na vida de bordo, a tomar especial atenção a essa especialidade. Terá de ter um olhar holístico para as várias vertentes da vida do navio.

Certamente que nenhum Comandante apresenta a totalidade dos atributos elencados em grau elevado. Ele apresentará uma combinação de grau variável em função da sua educação, formação e experiência. Mas há um atributo que será indispensável que esteja sempre presente. É ter sorte! Coisa que por vezes dá muito trabalho em obter! Será curioso lembrar que na Marinha Inglesa continua em vigor o princípio de que Sua Majestade, a Rainha, não pode correr o risco de ter a comandar os seus navios Comandantes sem sorte!

E todas estas vertentes do “Comandar no Mar” estão presentes qualquer que seja o tipo de navio. O Mar é igual para todos! E nas páginas deste livro podemos tal confirmar. São testemunhos de Comandantes que exerceram a sua função nos diversos tipos de navio, e até em comando de uma força naval, e nas mais diversas situações. E cada um descreve e analisa a sua experiência, na primeira pessoa, em função do tipo de navio que comandou, caracterizando as especificidades presentes .

Será que o leitor irá realizar que, afinal, o comportamento e actuação de um Comandante dum navio não será tão diferente do que se passa com os responsáveis na gestão da vida empresarial? Mas uma diferença existirá. O Navio é um espaço confinado que obriga o grupo humano a passar largos períodos de tempo isolados, fora do convívio familiar e num ambiente que não é aquele para o qual o Homem foi criado, o Mar. Mas regras e princípios certamente que são idênticos e que terão de ser respeitados para levar a empresa a “bom porto”.

Orlando Temes de Oliveira (CMG, ref)